



GUERRA DE ESPADAS EM CRUZ DAS ALMAS-BA: A REGIÃO EM CONFLITO (2011-2015)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3591

Filipe Arnaldo Cezarinho, UNICENTRO
Leonardo Henrique Lopes Soczek, UNICENTRO
Lucas Kosinski, UNICENTRO

Resumo

Ao buscar analisar as problemáticas que permeiam o sentido da região ou regiões, o objetivo desse texto foi tratar da região como produto histórico permeado pelos múltiplos conflitos sociais. Destarte, buscou-se evidenciar as lutas simbólicas, as práticas discursivas e as relações de poder que tornam possível a região. No campo empírico, a unidade social analisada possibilitou acessar diversos conflitos em torno da região demonstrando que a mesma está longe da condição natural. A Guerra de Espadas é uma prática cultural que envolve construção e desconstrução de identidades, discursos variados em choque e relações de poderes conflituosos e negociados entre diversos agentes sociais. A reconstituição deu-se com a utilização de diversas fontes como a recomendação do Ministério Público do Estado da Bahia do ano de 2015, relatos orais dos espadeiros e registros digitais, ou seja, aqueles oriundos da *internet*. Além das fontes primárias citadas também foi adicionada bibliografia base para análise crítica da documentação apropriada.

Palavras Chave:

Guerra de Espadas;
História da Violência;
Região; Relações de
Poder.

Introdução

Propomo-nos, como objetivo nesse texto, examinar a região como condição histórica e produto das relações de poder. Assim, cabe-nos enxergar, nas práticas discursivas conflitantes no seio social, como a região se constitui a partir de complexas tensões e conflitos. A unidade social analisada é a Guerra de Espadas, fenômeno bastante comum na cidade de Cruz das Almas/BA. Podemos dividir o texto em dois momentos. O primeiro segue uma sucinta explanação teórica sobre região e no segundo analisamos as fontes. O trabalho presente é fruto das discussões realizadas na disciplina História e Regiões do Programa de Pós-Graduação em História - (PPGH-UNICENTRO). Cabe ressaltar que será apresentado apenas resultado panorâmico da nossa pesquisa.

Apontamentos teóricos

Por mais que se pensem na Região ou nas Regiões como fenômenos dados, uma essência ou naturalmente existente, não há, pelo menos nas Ciências Sociais e Humanas, quem mantenha tal argumentação sem que seja replicado por especialistas sobre o tema. Essa naturalização que aparece principalmente nos discursos do senso comum, costuma engessar a região que, na verdade, é produto de um conjunto de práticas discursivas, representações simbólicas e relações de poder.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior evidenciou essa problemática da região considerando, ainda, que esse movimento de pensá-la naturalmente brota no próprio campo acadêmico. Segundo ele:

Como é comum, no discurso historiográfico, quando se trata de

pensar os espaços, a região aparece como um dado da realidade que não precisa ser em si mesmo pensado ou problematizado, não precisa ser tratado historicamente. A região aparece como um dado prévio, como um recorte espacial naturalizado, a-histórico, como um referente identitário que existiria per si, ora como um recorte dado pela natureza, ora como um recorte político-administrativo, ora como um recorte cultural, mas que parece não ser fruto de um dado processo histórico¹.

Essa percepção essencialista retira as lutas, disputas, confrontos políticos na formação histórica da região. Devemos, portanto, apreciar que a constituição de determinada região não é isenta de violência, ou seja, “é se referir àqueles que foram derrotados em seu processo de implantação, àqueles que foram excluídos de seus limites territoriais e simbólicos”². Interpretamos a região a partir da desconstrução que se dá historicamente e levando em conta as produções discursivas em conflitos projetadas para atribuição do seu sentido.

Adicionamos, para análise da região, que a mesma não está limitada às suas extremidades político-administrativas. Faz-se, mais que necessário, ter acuidade quando tomar as divisões administrativas como absolutas. Queremos dizer com isso que reconhecer e vivenciar a região independe dos limites de um espaço estabelecido burocraticamente conforme nos explica Albuquerque Júnior:

Quando o historiador consulta a documentação oficial e assume acriticamente a divisão territorial, as identidades espaciais que a organizam e atribui a ela dados sentidos, como, por exemplo, a de serem expressões de identidade nacional, regional ou local, o

¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O Objeto em Fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região.** Fronteiras,

Dourados, MS, V. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008. p. 55.

² Ibidem, p. 58.

historiador pode estar se deixando capturar pela rede de poderes e de interesses que levaram à guarda e à organização daquela documentação a partir de uma dada divisão espacial, quando esta pode ser apenas aquela divisão que os grupos sociais dominantes naquele momento quiseram impor como sendo a divisão espacial de fato e de direito, divisão que poderia ter sido, naquele momento, objeto de questionamento por outras forças sociais³.

Em nosso entendimento, as relações da tragicidade também constituem a região. De acordo com Hélio Sochodolak, o trágico é visto como configurador das ações cotidianas das pessoas sendo a partir da tragicidade a possibilidade de compreensão dos fenômenos sociais populares. São quatro os programas teóricos do trágico: estudos de como as pessoas vivem, o estranhamento entre a cultura do pesquisador e da cultura pesquisada, a ciência interpretativa e o rompimento entre cultura da elite e cultura do povo. Foi apenas no século XIX que o suporte teórico do trágico começou a ser visto como cabível para compreensão social. A narrativa trágica funda-se em três princípios básicos: a não linearidade do tempo, a relação do homem com a natureza e na perspectiva dos opostos que se complementam, ou seja, bem/mal, verdade/mentira, certo/errado⁴.

No mesmo caminho, Michel Maffesoli demonstrou que a pós-modernidade está marcada por místicas e atividades orgiásticas que não possuem

sentido quando atreladas aos princípios da modernidade: rachas e pegadas de carros, *raves*, os usos das mídias digitais para agendar manifestações de ruas ou festas entre amigos regadas com variadas drogas, sejam lícitas ou ilícitas, são mais interessantes do que seguir a ordem social moderna. As práticas das pessoas comuns carregam essa sinergia entre pares opostos cheio/vazio, luz/escurecimento, e por isso sofrem com o estigma advindo do modelo hegemônico europeu⁵.

Por não estar de acordo com os requisitos da modernidade, a Guerra de Espadas começa a ser vista como uma prática que fere a ordem social, algo considerado como uma aberração dentro dos contornos de uma “sociedade civilizada”. Assumimos o conceito de violência proposto por Maffesoli que diz:

Sua própria pluralidade é a única indicação do politeísmo de valores, da polissemia do fato social investigado. Proponho, então, considerar que o termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social⁶.

A acepção da região, em nossa opinião, inclui os processos de objetivação e subjetivação dos sujeitos. A subjetivação produz sujeitos singulares, em outras palavras, cada sujeito se subjetiva de uma maneira a partir dos discursos que empreendem a região. Essa exterioridade que cria o sujeito atrela-se sempre as relações de poder. Portanto, é importante

³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Fazer História sem limites: a historiografia e as identidades espaciais**. In: Regiões, imigrações, identidades/ Orgs. Hélio Sochodolak, Jó Klanovicz, José Miguel Arias Neto. – Ponta Grossa, PR: ANPUH, 2011. p. 26.

⁴ SOCHODOLAK, Hélio. **História, Regiões e Narrativas Trágicas**. IN: Regiões, Imigrações, Identidades / Orgs. Hélio Sochodolak, Jó

Klanovicz, José Miguel Arias Neto. – Ponta Grossa, PR: ANPUH, 2011.

⁵ MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Tradução de Clovis Marques – Rio de Janeiro, Record, 2004.

⁶ MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. [Tradução de Cristina M. V. França]. – São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987. p. 15.

fazer ver as condições de possibilidades históricas desses enunciados.

Fernandes interpretando as proposições teóricas de Michel Foucault, diz:

(...) o poder implica relações, trata-se de relações de poder. Essas relações não são fixas, imóveis ou estáticas, estão sempre em um campo de força; são relações de força – a propósito, as relações de força são constantes em toda forma de existência de poder, são formas de agir sobre as ações dos outros. Há, nesse ínterim, dada exterioridade atuando na construção da subjetividade⁷.

Partindo desses pressupostos teóricos sobre a região que buscaremos analisar a complexa unidade social que possui a Guerra de Espadas na cidade de Cruz das Almas - BA.

Análise e resultados dos dados

Desde 2011, a Guerra de Espadas foi considerada crime, o que fez proliferar embates em torno do festejo. Essa festa tradicional está vinculada aos festejos juninos que desabrocham na região Nordeste do Brasil. Associada a tradição religiosa do catolicismo, as festas juninas dizem respeito ao momento da colheita do milho e do amendoim, alimentos importantíssimos na dieta alimentar dessas pessoas. Em conjunto, os fogos de artifícios oferecem adrenalina, emoção e perigo. Em algumas cidades do recôncavo baiano a peculiaridade dos fogos se dá por uma pirotecnia conhecida como as espadas de fogo.

A espada é constituída de bambu, pólvora e barro, além de outros elementos. Para a confecção de uma

espada é preciso tempo, força, paciência e muita dedicação dos espadeiros, sem falar nos custos para compra da sua matéria-prima. O processo de fabricação leva em torno de dois meses. Ou seja, notamos que a produção é bem anterior ao mês de junho. O fazer das espadas, quando anterior à proibição, se realizava dentro dos quintais das pessoas, em pequenas oficinas e nas vias públicas. Conforme Oliveira:

(...) cada espadeiro produzia sua pólvora, geralmente adquiriam os materiais em casas comerciais de Cruz das Almas, dentre eles constavam o salitre, enxofre e carvão, estes eram misturados em pilões e moídos até virarem um pó uniforme. O cordão do sisal utilizado para enrolar o bambu, a fim de proporcionar maior rigidez ao artefato, também era adquirido nas casas comerciais, enquanto que a ceira caseira, feita pelos espadeiros para untá-lo, era preparada com parafina, breu, óleo de coco ou de soja⁸.

Observamos que com a criminalização apareceram mudanças significativas na forma de produção e na própria dinâmica que se desenrolava nas ruas no momento do evento. Retiram-se dos fundos das casas e das vias públicas, ou seja, dos olhares da repressão policial e da vizinhança que possivelmente delataria a feitura. Com isso, esses atores sociais passaram a empreender novas táticas para produção das suas espadas substituindo a área urbana pela zona rural. As saídas das pessoas, em grupos, pelas ruas com mochilas repletas de espadas em suas costas passaram a ser vistas como algo preocupante. Agora, há sempre desconfiança e preocupação de ser apreendido e conduzido à cadeia da

⁷ FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e Produção de Subjetividade em Michel Foucault**. LEDIF – Laboratórios de Estudos Discursivos Foucaultianos. Urbelândia – MG, ano 2, artigo n. 1, 2011. p. 7.

⁸ OLIVEIRA, Adriana da Silva. **Festejar e Partilhar: inter-relações nas comemorações juninas em Cruz das Almas-BA**. XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013. ANPUH BRASIL. p. 5.

cidade.

Trazemos a recomendação do Ministério Público da Bahia para demonstrar a represália ordenada pelo poder público na qual determina a coação às espadas e o combate aos espadeiros da cidade. A recomendação de 2015 sugere o seguinte:

RECOMENDAR AOS PREPOSTOS DAS POLÍCIAS CIVIL E MILITAR COM ATUAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CRUZ DAS ALMAS/BA que adotem as providências necessárias para coibir as atividades de fabrico, transportes, comércio uso (queima) de fogos de artifícios e pirotécnicos, bem como de explosivos, pólvoras mecânicas e pólvoras químicas de qualquer tipo, inclusive “espadas”, realizadas em desacordo com as determinações legais e regulamentares, inclusive: (a) apreensão dos artefatos produzidos, transportados, comercializados e utilizados de forma irregular; e (b) prisão em flagrante pelo cometimento dos crimes listados na presente recomendação (...)⁹ (RECOMENDAÇÃO N. 01/2015).

A condição de marginal, que notamos na recomendação, estabelece a sensação de imoralidade oriunda desses “sujeitos criminosos” pela sociedade. Tal efeito tem levado muitos espadeiros a pararem com a produção das espadas. A vergonha aparece como um valor importante nesse processo. Destaca-se, também, a agressão que foi para esses sujeitos o advento da criminalização da Guerra de Espadas, costume da população.

Vejamos o caso do espadeiro Joaquim¹⁰, 21 anos, nascido em Amargosa, revela como a represália às espadas têm reconfigurado a prática das espadas, já que

a Guerra de Espadas é o elemento que liga os sujeitos a região. Segundo Joaquim:

Eu acho que, é o promotor, né, o promotor, a fala dele, ele fez uma fala meio infeliz, uma colocação que ele deu na rádio que ele comparou os espadeiros, disse que era pior que um traficante, que um traficante ali tá procurando um meio de vida e o espadeiro é um baderneiro, só quer saber de baderna, sendo que o espadeiro também uma fonte de renda pra cidade, eles fazem as espadas para os turistas que vem, é uma época que eles têm também uma renda com essas espadas e ele foi bem infeliz em comparar um traficante que, que, tipo alicia os familiares, os menores pra entrar no caminho do tráfico destroem famílias e tudo. Ele deu uma colocação muito infeliz em comparar um espadeiro uma pessoa que tá na sua cultura que sempre teve isso, acho que centenário essa. A Guerra de Espadas, aí chega um cara que ele não conhece a cultura da cidade, ele não é da cidade e comparar os espadeiros com traficantes de drogas. Ele foi muito infeliz com essa comparação¹¹.

Consideramos pertinente afirmar a existência de constantes conflitos em torno das identidades, discursos e simbolismos que produzem a região. A pujante unidade social que aqui interpretamos permite visibilidade de toda essa dinâmica conflituosa. Como já foi dito acima, a região está em constante construção e desconstrução, em permanente mutação.

Mas, não é de agora que a Guerra de Espadas perpassa por mudanças. De acordo com Carvalho, em 1970 e 1980 a cidade de Cruz das Almas atravessou um momento importante no seu desenvolvimento. Essas datas marcam a criação da BR 101, na qual possibilitou o

⁹ RECOMENDAÇÃO, nº 01/2015.

¹⁰ Joaquim é um nome fictício, pois o entrevistado não permitiu a divulgação do seu nome.

¹¹ JOAQUIM, ENTREVISTA, 2016

maior trânsito de pessoas para a cidade e, também, a criação da barragem da Pedra do Cavalo. O discurso modernizador se alastrou por Cruz das Almas e tudo o que for considerado antigo ou tradicional começa a ser colocado em questionamento¹².

O elo identitário entre espadeiros - tradição - lugar começa a sofrer rupturas. Em 2011, junto com o discurso jurídico que criminalizou a prática, tornou-se mais evidente a relação entre o moderno e o tradicional, o novo e o velho¹³. Poderíamos dizer que essa problemática afeta toda e qualquer prática tradicional no contexto do mundo moderno e do ideal de progresso. Nessa perspectiva, propomos ver a Guerra de Espadas como uma prática trágica. Ao mesmo tempo em que lega aos seus participantes a sensação de união, identidade e simbolismo, é produzida ações violentas entre os mesmos. Apreendemos a violência como resistência social às demandas da ordem política, são atitudes e ações que confrontam e contestam. A violência detectada na Guerra de Espadas tem como objetivo manter a integridade social, fazer com que a própria noção de região, que dá sentido aos sujeitos, não entre em colapso. O risco de desterritorialização leva a comunidade a potencializar as lutas e subversões. Essa tentativa de ruptura simbólica que tem atingido os sujeitos e a prática da Guerra de Espadas em Cruz das Almas - BA conduz ao conflito que tenta

regenerar a tessitura social e manter a região.

A violência desencadeia-se no próprio sujeito participante, pois o processo de desterritorialização aparece e isso pode ser visto nas mídias digitais, por exemplo, na plataforma *Facebook*¹⁴. Essa tem oferecido a possibilidade dos sujeitos, que participam da Guerra de Espadas, tornarem visíveis os seus discursos de resistência a proibição do evento. Elemento marcante nesses discursos é a quebra dos significados proporcionados pela criminalização, como demonstra a imagem abaixo:

Imagem 1: Screenshot (foto/print) da plataforma *Facebook*.



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=166308216830850&set=a.132092683585737.22566.100003550197043&type=3&theater>>. Acesso em: 01/02/2017

Relatos como esse são frequentes na plataforma e a sensação de quebra da empatia social, onde o sujeito se percebe em contato com o “outro”, fica evidente. A *internet*¹⁵ tem sido utilizada por

¹² CARVALHO, Moacir. **Brincando com Fogo: origem e transformações da Guerra de Espadas em Cruz das Almas**. V ENECULT - encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 27 a 29 de maio de 2009, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

¹³ A ideia de modernidade e progresso da cidade de Cruz das Almas não é de agora. Esse discurso é bem anterior. Alguns marcos caracterizam esse processo como: Energia Elétrica (1934); Fábrica Suerdieck (1935); Serviço de Alto-falantes A Voz de Cruz das Almas (1951); Banco do Brasil (1959); Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (1968); Água Encanada (1973) e muito mais. Para maior conhecimento, ver: SANTANA,

Alino Matta. **Livro do Centenário 1897-1997 – Marcos do Progresso de Cruz das Almas**, Cruz das Almas – Bahia, Bureau, 1997.

¹⁴ O Facebook é a plataforma mais utilizada no mundo atualmente. Para melhor conhecimento, ver: CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro; MOREIRA, Maria Faia Rafael. Novas formas de comunicação: história do Facebook – Uma história necessariamente breve. ALCEU – v. 14 – n.28 – p. 168 a187 – jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>>. Acesso em: 01/02/2017.

¹⁵ No Brasil, a *internet* começou a ser comercializada no ano de 1997. Obviamente que

muitos/as participantes da Guerra de Espadas na resistência contra as medidas da lei. Nesse sentido, as mídias digitais aparecem como produtoras de fontes que não podem mais ser negligenciadas pelos pesquisadores.

Os espadeiros respondem a objetivação, neste caso, o crime, subjetivando-se como “vagabundos” (criminosos). A subjetivação dos espadeiros não deve ser vista como passiva, há resistência. Ponto importante, pois a estigmatização imposta aos praticantes da Guerra de Espadas não foi absorvida com bons olhos pelos mesmos. Destarte, deu-se início a tentativa de regulamentação e normalização da tradição como vemos na imagem abaixo. A proposta é levar o debate sobre a criminalização para os espadeiros. Produzem, assim, novos discursos que entram em choque com o discurso oficial, mas buscando o enquadramento da Guerra de Espadas às formas do discurso jurídico.

Imagem 2 - Screenshot (foto/print) da plataforma Facebook.



Fonte: Disponível em:
<<https://www.facebook.com/Projeto-Salvaguarda-Cultural-119614418238840/?fref=ts>>. Acesso em: 03/02/20177

O Projeto Salvaguarda tem como objetivo fomentar discussões em torno de práticas culturais na Cidade de Cruz das Almas/BA. Foram feitas reuniões que contaram com a participação de espadeiros e espadeiras resultando na criação da cartilha “A tradição da Festa das

Espadas de Cruz das Almas: caminhos para regulamentação e conscientização”. Essa foi elaborada no ano de 2013 no contexto onde a Guerra de Espadas já estava na situação de ilegalidade. Fruto do projeto “Salvaguarda Cultural – Valorizando elementos da cultura cruzalense”, a cartilha buscou e busca reconduzir a Guerra de Espadas aos parâmetros da legalidade, assim sendo, enquadrando-a nas formas da lei.

Considerações Finais

Como demonstramos ao longo do texto, a região é gerada por múltiplos conflitos sociais e nunca um dado natural ou a-históricos. Nesses conflitos existem gradações de violências, sejam elas físicas, simbólicas, privadas ou coletivas. Cabe, assim, buscar na história todo esse processo de lutas que visam instaurar e estabelecer a região. A Guerra de Espadas permite a realização desse procedimento. Em toda a sua existência é possível detectar conflitos diversos e que colocam em questão a própria integridade dos sujeitos com o espaço onde estabelecem significados, valores e identidades. Destacamos as décadas de 70 e 80 do século XX e os anos iniciais do século XXI para análise, sendo os anos 70 e 80 períodos que demarcam transformações estruturais na cidade elevando o índice populacional e alterando a composição dos participantes na Guerra de Espadas. Já nos primeiros anos do século XXI, a prática das espadas foi considerada ilegal e criminalizada, pondo em questionamento a identificação dos sujeitos com a região. É no tempo que as transformações ocorrem modificando, transformando e ressignificando os sentidos dos atores sociais e da própria noção de região

até hoje se deve ter cautela em afirmar que ela, a *internet*, é acessível para todo mundo. Precisa averiguar categorias importantes como: geração, classe social, raça e região. Para mais informações ver: MISKOLCI, Richard. **Novas conexões:**

notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v.12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011, ISSN 1518-0689.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer História sem limites: a historiografia e as identidades espaciais. In: **Regiões, imigrações, identidades**/ Orgs. Hélio Sochodolak, Jó Klanovicz, José Miguel Arias Neto. – Ponta Grossa, PR: ANPUH, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O Objeto em Fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, V. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

CARVALHO, Moacir. **Brincando com Fogo: origem e transformações da Guerra de Espadas em Cruz das Almas**. V ENECULT - encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 27 a 29 de maio de 2009, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro; MOREIRA, Maria Faia Rafael. Novas formas de comunicação: história do Facebook – Uma história necessariamente breve. **ALCEU** – v. 14 – n.28 – p. 168 a187 – jan./jun. 2014.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e Produção de Subjetividade em Michel Foucault**. LEDIF – Laboratórios de Estudos Discursivos Foucaultianos. Urbelândia – MG, ano 2, artigo n. 1, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Tradução de Clovis Marques – Rio de Janeiro, Record, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. [Tradução de Cristina M. V. França]. – São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v.12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Adriana da Silva. **Festejar e Partilhar: inter-relações nas comemorações juninas em Cruz das Almas-BA**. XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013. ANPUH BRASIL.

OLIVEIRA, Adriana da Silva. **Identidade Espadeira: a construção de um adjetivo cultural e social. Queima de Espadas da cidade de Cruz das Almas-BA 1980-1990**. X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política. Recife, 26 a 30 de abril de 2010. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

SANTANA, Alino Matta. **Livro do Centenário1897-1997 – Marcos do Progresso de Cruz das Almas**, Cruz das Almas – Bahia, Bureau, 1997.

SOCHODOLAK, Hélio. História, Regiões e Narrativas Trágicas. In: **Regiões, Imigrações, Identidades** / Orgs. Hélio Sochodolak, Jó Klanovicz, José Miguel Arias Neto. – Ponta Grossa, PR: ANPUH, 2011.

Fonte Impressa

RECOMENDAÇÃO N. 01/2015 do Ministério Público da Bahia, 2015.

Fonte Oral

JOAQUIM (nome fictício). (21 anos). Entrevista concedida a Filipe Arnaldo Cezarinho em 28 de dezembro de 2016, na residência do entrevistado em Cruz das Almas-BA.

Fontes Digitais

Imagem 1 – Retirada da plataforma *Facebook*

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=166308216830850&set=a.132092683585737.22566.100003550197043&type=3&theater>>.

Imagem 2 - Projeto SalvaGuarda Cultural Valorizando Elementos da Cultura Cruzalmense

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Projeto-SalvaGuarda-Cultural-119614418238840/?fref=ts>>